

Por uma (Est)Ética da monstruosidade Queer: uma análise indisciplinada do filme *Todos estão falando sobre o Jamie*

*For an (Aesth)Et(H)Ics of Queer monstrosity: an
undisciplined analysis of the movie Everybody's
talking about Jamie*

*Por una (Est)Ética de la monstruosidad Queer:
un análisis indisciplinado de la película Todo el
mundo habla de Jamie*

Esmael Alves de Oliveira

Universidade Federal da Grande Dourados

E-mail: esmael_oliveira@live.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9235-5938>

Letícia Carolina Pereira do Nascimento

Universidade Federal do Piauí

E-mail: lecarolpereira@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2159-7179>

RESUMO:

No presente ensaio, tomando como locus de análise o filme *Todos estão falando sobre o Jamie* (*Everybody's Talking About Jamie*) e inspiradas pelas autoras e autores do Pós-Estruturalismo, da teoria Queer e do Transfeminismo, nos propomos a pensar e problematizar qual o lugar das normatividades na experiência escolar e de vida das pessoas que experimentam a condição de dissidência sexual e/ou de gênero. Aqui, a imagem fílmica é compreendida como um artefato cultural, ou seja, como um constructo socio-histórico cuja inteligibilidade produz não apenas sentidos, mas deseja impor modelos. Em nossa tessitura, o personagem principal Jamie e suas vivências no interior da escola, e para além dela, emergem como um índice de contestação e resistência contra as

normatividades. Acreditamos que a existência e a arte Queer materializada no personagem principal da trama atestam uma micropolítica da (re)existência que, apesar de toda parafernália normativa, institui-se como uma (est)ética da existência Queer radical face aos regimes de verdades alicerçados na heterossexualidade compulsória e no binarismo de gênero.

Palavras-chave: *Cinema. Arte Queer. Teoria Queer. (Est)Ética da Existência.*

ABSTRACT:

In this paper, taking as a locus of analysis the film *Everyone is talking about Jamie* and inspired by the authors of Post-Structuralism, Queer theory and Transfeminism, we propose to think about and problematize the place of normativities in the school experience and life of people who experience the condition of sexual and/or gender dissidence. Here the filmic image is understood as a cultural artifact, that is, as a socio-historical construct whose intelligibility produces not only meanings but also wants to impose models. In our fabric, the main character Jamie and his experiences inside the school, and beyond it, emerge as an index of contestation and resistance against normativities. We believe that the existence and Queer art materialized in the main character of the plot attest to a micropolitics of (re)existence that, despite all normative paraphernalia, establishes itself as an (Aesth)Et(H)lcs of radical Queer existence in the face of regimes of truths grounded in the compulsory heterosexuality and gender binarism.

Keywords: *Cinema. Queer art. Queer theory. (Aesth)Et(H)lcs of existence.*

RESUMEN:

En el presente ensayo, tomando como locus de análisis la película *Todo el mundo habla de Jamie* e inspirándonos en los autores del Postestructuralismo, la teoría Queer y el Transfeminismo, nos proponemos pensar y problematizar el lugar de las normatividades en la experiencia escolar y vida de las personas que viven la condición de disidencia sexual y/o de género. Aquí la imagen fílmica es entendida como un artefacto cultural, es decir, como una construcción sociohistórica cuya inteligibilidad no sólo produce significados sino que quiere imponer modelos. En nuestro tejido, el personaje principal Jamie y sus vivencias dentro y fuera de la escuela emergen como un índice de contestación y resistencia frente a las normatividades. Creemos que la existencia y el arte Queer materializados en el personaje principal de la trama atestiguan una micropolítica de (re)existencia que, a pesar de toda la parafernalia normativa, se erige como una (Est)Ética de existencia Queer radical frente a los regímenes de verdades fundamentada en la heterossexualidad obligatoria y el binarismo de género.

Palabras clave: *Cine. Arte Queer. Teoría Queer. (Est)Ética de existência.*

Artigo recebido em: 03/11/2022
Artigo aprovado em: 23/01/2023

Introdução

Neste ensaio, objetivamos pensar não apenas sobre alguns dilemas que cercam a vida de pessoas dissidentes sexuais e de gênero no espaço escolar (discussão amplamente já explorada na literatura acadêmica) mas, sobretudo, algumas possibilidades que viabilizam sua existência em um contexto que tem sido historicamente hostil a multidões Queer (PRECIADO, 2011; CORNEJO, 2015). Acreditamos que, apesar de a comunidade escolar, assim como a sociedade em seu entorno, atuar deliberadamente de modo a apagar as diferenças no campo do gênero e sexualidades (OLIVEIRA; DUQUE, 2021; NASCIMENTO, 2021b), há uma intensa produção e proliferação de linhas de fuga. Nesse percurso indisciplinado, somos inspiradas¹ pelas autoras e autores do Pós-Estruturalismo, da teoria Queer e dos (Trans)feminismos. Para tal, nos debruçamos sobre a análise do filme *Todos estão falando sobre o Jamie* (*Everybody's Talking About Jamie*) – baseado na história real do adolescente britânico Jamie Campbell.

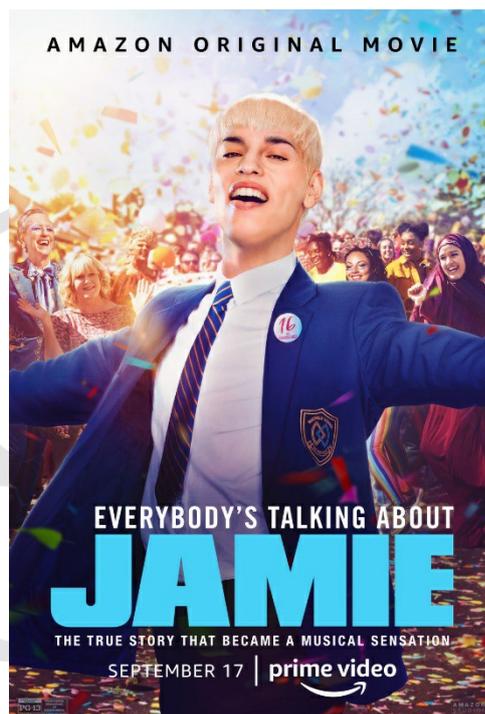


Fig. 1. Arte de divulgação do filme. Fonte: Amazon Prime Video.

Lançado em 2021 na plataforma *streaming* Amazon Prime Video, o drama-musical, dirigido por Jonathan Butterell, narra a história do adolescente Jamie New – protagonista da trama, adolescente cis-branco em idade escolar, cujo sonho é tornar-se uma *Drag Queen*. Jamie vive com sua mãe Margaret New, mãe-solo, em uma cidade pequena do interior da Inglaterra (Sheffield). Tanto pela sua orientação sexual quanto pela performance feminilizada, o protagonista enfrenta vários dilemas, não só em suas relações familiares (ilustrado nas várias tentativas fracassadas de aproximação de seu pai preconceituoso e que não o aceita) mas também em sua vida escolar (Jamie sofre homofobia por parte de seus colegas de escola).

A trama é rica em questões a serem exploradas analiticamente e que estão longe de se esgotarem em nossa análise. Por exemplo, os privilégios de raça e classe de Jamie – apesar de sua dissidência; a condição de ser mãe-solo em um contexto conservador (dilema experimentado por Margaret, mãe de Jamie); o protagonismo feminino personificado pelo comportamento liberal e despojado de Ray (amiga de Margaret); a xenofobia em relação a estrangeiros (como o experimentado por Pritti Pasha, paquistanesa e muçulmana, sua melhor amiga); a importância das redes de apoio na

trajetória de LGBTQIA+ (como a comunidade *Drag Queen* descoberta por Jamie); o lugar do machismo na produção das masculinidades hegemônicas (tal como a personificada por Wayne New, pai de Jamie); os dramas do “*come out*”² vividos pelo personagem principal, dentre outros.

Como pesquisadoras cujas trajetórias estão atravessadas pelo diálogo com o campo da educação, bem como atentas aos objetivos do presente dossiê, optamos por descrever e analisar quatro cenas do filme, e que, em nossa perspectiva, são reveladoras tanto dos efeitos da cisheteronormatividade quanto das possibilidades criativas de existência encontradas e elaboradas pelas pessoas LGBTQIA+, em especial a partir da arte e estética Queer. É importante dizer que, de modo algum, entendemos o personagem Jamie como representativo de todas as pessoas LGBTQIA+, de seus dilemas e trajetórias singulares. Nesse sentido, ressaltamos que, ainda que o personagem sinta na pele “a dor e a delícia de ser o que é”, um homem cis-branco jovem gay afeminado de classe média e cuja nacionalidade está localizada no norte global (é britânico), sua diferença não pode ser entendida como representativa de outros sujeitos LGBTQIA+ também marcados por gênero, raça, classe, sexualidade, geração, nacionalidade etc.

Por isso, em nosso exercício reflexivo a interseccionalidade é um instrumento analítico fundamental para a compreensão mais pontual dos diversos atravessamentos em torno dos recortes de classe, raça, gênero, sexualidade, deficiência e regionalidade, entre outros, que incidem sobre a história do personagem Jamie/Mimi Me. Se, nos termos de Audre Lorde, “não existe hierarquia de opressão” (LORDE, 2019, p. 236), “é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política” (BRAH, 2006, p. 374). Portanto, se por um lado Jamie, enquanto homem branco, cis e de classe privilegiada, não pode ser tomado como representativo de todas as pessoas e experiências dissidentes, por outro sua diferença localizada e parcial (HARAWAY, 1995) nos permite pensar possíveis articulações, cruzamentos e conexões com outras diferenças. Estas últimas nunca ontológicas, nem apriorísticas, ao contrário, sempre contextuais, relacionais e contingentes.

Em termos metodológicos, problematizamos o material fílmico analisado como um artefato cultural, ou seja, é preciso dizer que

as imagens, em movimento ou não, por já fazerem parte de nossas vidas, nos afetam e também nos educam e são instrumentos de pedagogias culturais. Os filmes são importantes artefatos culturais que estão a nos dizer quem devemos ser, como nos comportar, como ser meninas-mulheres, meninos-homens de determinados jeitos, enfim, instigam-nos a pensar sobre o que somos e o que queremos ser (XAVIER FILHA, 2014, p. 12).

Nesse sentido, ressaltamos que as imagens cinematográficas, com seus cenários, ambientações, personagens, comportamentos, trajes, diálogos, cenas, à semelhança de um texto cultural, educam espectadoras e espectadores à medida que produzem, enunciam e reiteram valores, vontade de verdade, visões de mundo, representações, subjetividades (BALESTRIN, 2009). Cabe a nós, pesquisadoras e pesquisadores, o trabalho crítico-reflexivo de desnaturalizá-las, decompô-las, escarafunchá-las, a fim de desvelar os regimes de verdade ali presentes e que são responsáveis pela reiteração de normatividades. Continuamos aqui um exercício já experimentado em trabalho anterior em que evidenciamos a potência da análise fílmica como ferramenta de questionamento das normatividades compulsórias (OLIVEIRA; MARTINS; NASCIMENTO, 2019).

Além disso, cumpre ressaltar que ao tomarmos cenas de um filme como elementos de análise, encorajamos o uso dessa arte como dispositivo metodológico, não apenas no ensino da arte, mas também numa perspectiva interdisciplinar, isso é, no encontro com outras disciplinas. Para Alain Bergala (2008), o cinema na escola deve ser entendido como arte, considerado que “a arte é por definição um elemento perturbador dentro da instituição” (2008, p. 30). Apostamos, portanto, na arte e na estética Queer como dispositivos capazes de abalar as estruturas cisheteronormativas da escola. O filme apresenta para as/os alunas/os outras cores, formas, sons, luzes, outros mundos e realidades, por vezes distantes do que é instituído normativamente.

Para fins de organização de nosso pensamento, o presente texto foi dividido em três partes. Na primeira, descrevemos quatro cenas em que se evidenciam as artimanhas da cisheteronormatividade na experiência escolar do personagem Jamie. Na segunda, a monstrosidade, como categoria analítica, é utilizada como ferramenta de desconstrução e crítica face às normatividades que disputam o espaço escolar e os processos pedagógicos com o objetivo de impor um regime heteronormativo mortificante. Por fim, na conclusão, apontamos para a importância de uma reflexão

que reconheça que, apesar das imposições de uma inteligibilidade cisheteronormativa, por meio das existências e resistências Queer, produzem-se criativas, intensas e potentes desestabilizações e linhas de fuga.

Cena I – Uma sala de aula e o “realismo” normativo

No dia em que comemora seus 16 anos, após encontrar os presentes deixados por sua mãe na mesa da cozinha, Jamie se dirige à escola. Na entrada, recepcionando as alunas e alunos, uma professora (Miss Hedge) junto ao diretor da escola (Iman Masood). O tom normativo da professora Hedge – que se dirige a uma estudante dizendo: “Você poderia tirar isso antes de entrar? Essas meias não são permitidas” – contrasta com o tom aparentemente afetuoso do diretor Masood em relação a Jamie: “Bom dia, Jamie. Feliz aniversário”.

A narrativa segue. Jamie é mostrado ao/à espectador/a em sua sala de aula. O contexto é a última aula de orientação profissional, conduzida pela professora Hedge. Jamie, sentado ao fundo e mexendo em seu celular vendo imagens de *Drag Queens* com uma expressão corporal que indica que está abstraído do ambiente, contrasta com uma sala aparentemente tumultuada. A professora, visivelmente irritada, é questionada por algumas/uns estudantes: “Professora, a senhora está estressada?”, “É. Por que a senhora está estressada desse jeito?”, “A gente tá te estressando?”. Na tentativa de distensionar o ambiente, Hedge diz: “Meninas, não me provoquem. Eu literalmente sei onde vocês moram e vou atrás de vocês. Agora quietos!”.

Aos poucos a turma é pacificada e a discussão se dá em torno da pergunta: “o que você quer ser?”. Professora Hedge argumenta que é preciso “*ter uma expectativa realista* sobre uma possível futura carreira”. Após perguntar para algumas alunas e alunos, interroga a turma: “Alguém mais tem um *plano realista* de carreira além da Pritti [amiga de Jamie, que havia respondido que queria ser médica]?”. Dirigindo-se a Jamie, distraído com seu celular, interpela-o: “Jamie. Eu estava falando sobre carreiras, realisticamente. O seu futuro... nos conte, que emprego você quer ter?”. Pego de surpresa, Jamie responde: “Eu não sei professora. *O futuro está vivo e cheio de oportunidades brilhantes*” (grifos nossos).



Fig. 2. Jamie em sala de aula. Fonte: Amazon Prime Video.

A cena é interrompida com a imagem onírica de Jamie desfilando em uma passarela com roupas glamorosas e cercado por outras *Drag Queens* e por colegas de escola.



Fig. 3. Jamie imaginando-se em uma performance *Drag Queen*. Fonte: Amazon Prime Video.

O aparente devaneio é interrompido pela pergunta inquiridora da professora: “E então, Jamie. Você não respondeu à minha pergunta: O que você quer ser, querido?”. Jamie responde: “Um artista”. Ao que ela devolve: “*Por um segundo eu esperei mais de você, Jamie*. Pode entrar na fila dos que querem ser estrelas de cinema, jogadores de futebol ou as novas modelos das passarelas. Eu sempre falo para vocês, repito e repito: *Sejam realistas*. Eu adoraria dizer que vocês iriam realizar seus sonhos, mas seria mentira, seria errado, seria cruel” (grifos nossos).

Cena II – Havia uma “maquiagem” no meio do caminho

Jamie está entusiasmado com a ideia de poder tornar-se *Drag Queen* e realizar sua primeira apresentação. No banheiro da escola tenta fazer uma maquiagem. A tentativa dá errado. Jamie pede ajuda de sua amiga Pritti. A sineta da escola toca, a professora Miss Hedge ouve uma movimentação estranha no banheiro e se aproxima. Ao entrar no espaço, depara-se com Pritti e Jamie juntos.



Fig. 4. Jamie com sua amiga Pritti no banheiro. Fonte: Amazon Prime Video.

Para tentar esconder o ocorrido com as sobrancelhas de Jamie, Pritti inventa a desculpa de que se trata de um experimento para a aula de artes. Segue o diálogo: [Hedge] “Vira pra mim, Jamie”. Jamie responde: “Não, professora”. Em tom autoritário, Hedge ordena: “Se vira e olha pra mim agora!”. Hedge descobre as sobrancelhas de Jamie borradas. Pritti intervém: “É para minha prova de arte, professora. Estou explorando a identidade de gênero. Eu quero usar o rosto como tela para tentar fazer uma declaração”. Hedge diz: “E por que não faz no departamento de arte?”. Pritti responde: “O Jamie é tímido”. Hedge devolve: “*Jamie, se você quiser jogar seu futuro no lixo, tanto faz para mim. Mas eu não vou deixar você distrair ela*”. Dirigindo-se à Pritti, diz em tom autoritário: “Volte à revisão” (grifos nossos).

O sermão de Hedge continua: “Ela realmente tem uma chance”. Jamie faz uma cara de indiferença. Hedge reage: “Desculpa, quer dizer alguma coisa?”. Jamie responde: “Quero. *Pelo menos eu tenho um futuro*” (grifos nossos). Como represália, a professora Hedge diz para Jamie: “Vá para o departamento de arte e termine seu trabalho”. Jamie: “Tá, eu vou lavar meu rosto então”. Hedge diz ironicamente: “Do que você está falando? Você é a obra dela [de Pritti]. Não pode jogar uma obra de arte

pelo ralo. Seria um ato de vandalismo. Vá desse jeito”. Envergonhado, Jamie implora: “Não, professora. Por favor!”. Insensível e de modo sádico, Hedge responde: “Faça do corredor sua passarela, Jamie. Seu público está te esperando”. Os dois, Jamie e Hedge, chegam na classe de artes. Hedge ironicamente diz à professora de artes: “Sra. Haylock, espero que não se importe se eu deixar essa obra de arte em suas mãos competentes”. Todos riem de Jamie.



Fig. 5. Jamie como alvo de deboche em sala de aula. Fonte: Amazon Prime Video.

Cena III – “Como todos os outros”

Após se apresentar como *Drag Queen* pela primeira vez, tornando-se assim Mimi Me, Jamie chega na sala de aula maquiado e com um lenço no pescoço. É recebido com chacota pelos colegas de turma e com animosidade pela professora Hedge. Ela pede que ele tire o lenço e a maquiagem, mas ele se recusa e ainda afirma que irá ao baile como Mimi Me. Ela pede que ele se retire da sala, mas Jamie se nega. Hedge então o conduz até a diretoria da escola.



Fig. 6. Jamie chega em sala de aula montado como “Mimi Me”. Fonte: Amazon Prime Video.

Dean Paxton, um dos alunos da escola que constantemente produz violências homofóbicas, aparece e provoca Jamie. Jamie responde dando um beijo na boca de Dean. Os dois começam a brigar até serem separados pelo diretor. Margaret e Ray, cuidadoras de Jamie, são chamadas à diretoria da escola. Segue o diálogo: Diretor Masood: “O comportamento do Jamie tem sido totalmente inaceitável, Sra. New. E eu não costumo usar palavras tão fortes sem razão”. Ray, amiga da mãe de Jamie, interrompe tentando amenizar: “É só um pouco de maquiagem”. Margaret, a mãe de Jamie, retruca: “Eu trabalho muito e não vi o Jamie saindo assim, mas também não é o fim do mundo”. Hedge interrompe: “É o fim do baile de formatura para Dean Paxton”. Masood: “Eu gostaria de aliviar essa conversa e dizer para o Jamie que quero motivá-lo a achar quem realmente é. Quero que interaja com quem realmente é. Mas é certo você querer ir ao baile com um vestido?” (grifos nossos).

Margaret estimula que Jamie fale e ele responde que sim. Ray pergunta se tem algum problema. Masood responde: “Não. Porque *nesta escola promovemos a liberdade de expressão e...*”, mas Hedge o interrompe: “Eu acho que o Sr. Masood está querendo dizer é que *há uma linha tênue entre individualidade e perturbação*. E você precisa pensar que as suas ações afetam outras pessoas. Pois nem todos têm a sua sorte, Jamie. Para alguns alunos o baile é a última chance de ter uma noite incrível. Não vou deixar você tirar isso *deles*”. Margaret pergunta: “Mas o que o Jamie fez para tirar alguma coisa de alguém?”. Hedge responde: “Alguns jovens disseram que não vão ao baile se Jamie usar um vestido”. Jamie interrompe: “Ela está falando do Dean Paxton. Você ouviu do que ele me chamou?”. Margaret indaga: “Do quê? Do que o Dean Paxton o chamou?”. Hedge diz: “Bom, eu não quero repetir as palavras, mas...”. Margaret interrompe: “Bem, mas eu quero saber. Eu quero saber como meu filho está sendo chamado nesta escola”. Hedge então responde: “Ele o chamou de coisa nojenta, e vamos lidar com isso. Mas Jamie, isso vai continuar acontecendo. E a Mimi Me não é aluno desta escola, o Jamie New é. E se Jamie quiser ir ao baile, ele deve ir como Jamie. De gravata, usando camisa, calça, como todos os outros rapazes. Me desculpe, mas o seu comportamento hoje... É assim que tem que ser”. Jamie, Margaret e Ray, irritados/as com a cena, se retiram da sala da direção (grifos nossos).

Cena IV – Liderando uma revolução Queer

Grande dia. Dia do baile de formatura. Jamie chega ao baile com um vestido branco. Vários de seus colegas, espantados e surpresos, comentam: “Jamie, você está incrível!” ou “Ele está tão lindo!”, “Jamie, você está fantástico”.



Fig. 7. Jamie na festa de formatura com seu vestido branco. Fonte: Amazon Prime Video.

Professora Hedge interrompe: “Jamie, eu avisei. Não é bem-vindo vestido assim”. Jamie responde: “Você me disse para não vir vestido de Mimi Me, professora. E não vim. *Este é o Jamie de vestido*”. Hedge responde: “Não, este é o Jamie monopolizando um evento *que é de todos*. Eu falei sério. Hoje é a festa para todos os alunos. Você não vai estragar isso para eles” (grifos nossos).

Uma colega interrompe: “Ele não está estragando”. Outra estudante endossa: “Ele está deixando inesquecível”. Hedge discorda: “Não, já tomei minha decisão”. Jamie responde: “Tá bom, professora. Eu amei meu vestido e os meus sapatos, eu já tenho o que eu preciso, então agora eu vou para casa. Obrigado, Pritti”.

Pritti reage: “Espera. Mas que porra é essa, Jamie? Depois de tudo isso aqui? Ela [professora Hedge] não vai deixar o Jamie entrar por estar de vestido?!”. Hedge reage: “*Não! Porque regras são regras*. O código de vestimenta existe por um motivo”. Os colegas de Jamie intervêm em seu favor e pedem:

“Deixe o Jamie entrar, professora. Por favor.”. Um silêncio se instala. Hedge se posiciona ignorando o pedido das/os estudantes: “Senhoras e senhores, as portas do salão de baile estão abertas. Todos para dentro”. Alguém responde: “Não. Não sem o Jamie. *Se ele não entrar, nós não entramos*”. Hedge reage: “Eu mandei todo mundo entrar”. Pritti intervém: “Não, todo mundo fora”. Em seguida, Pritti começa a estimular as/os colegas a aclamarem o nome de Jamie (grifos nossos).

A aclamação ganha força. As vozes se unem uníssonas: “Jamie! Jamie! Jamie! (...)”. Hedge pede que interrompam a manifestação imediatamente. Jamie também pede que parem e diz: “Vocês estão loucos”. Emocionado, continua: “Vocês não imaginam o que isso significa. Mas essa noite é especial para todos, não para mim”. Voltando para Hedge, Jamie diz: “*Você me disse para vir como realmente sou, professora, e eu vim. O baile é um conto de fadas. Mas isso, eu vestido assim, é real*” (grifos nossos). Desconcertada, Hedge diz: “Jamie, vamos entrar”. Todos se alegram e dão seguimento ao baile.

Jamie e a monstruosidade como antídoto às normatividades

As quatro cenas por nós apresentadas são ilustrativas do modo como a escola (assim como outros espaços sociais) tem se constituído historicamente como um ambiente bastante hostil às pessoas LGBTQIA+. Embora a trama tenha o caráter ficcional, os percalços e dissabores experimentados por Jamie em grande medida se aproximam daquilo que é experimentado cotidianamente por inúmeras/os alunas/os/es LGBTQIA+ (OLIVEIRA; DUQUE, 2021; NASCIMENTO, 2021b).

Assim, é possível afirmar que as inúmeras violências experimentadas pelo personagem principal ao longo da trama, e que são explicitadas nos constrangimentos pedagógicos, nos comentários homofóbicos de colegas de turma, no controle sobre suas roupas e comportamentos por parte do corpo docente da escola, na banalização da violência sofrida pelo personagem por parte de seus/suas professores/as e outros/as colegas de classe, tornam o ambiente escolar não um espaço seguro (COLLINS, 2019), mas uma inóspita zona de guerra, uma verdadeira trincheira (MOMBAÇA, 2021).

Não por acaso, ao apresentar um panorama dos estudos transfeministas, Letícia Nascimento (2021a) explora a categoria outreridades. De acordo com a pesquisadora, mesmo que muitas lésbicas, gays e bissexuais sintam na pele o peso dos sistemas de opressão, há determinadas identidades (tais como travestis e transexuais) que a experimentam de modo ainda mais radical. São corpos e identidades, atravessados por identidade de gênero, raça, classe, geração, dentre outros marcadores sociais de diferença, cuja exclusão e violência incidem de modo ainda mais intenso. Ou seja, se há uma intensa proliferação de zonas de abandono (BIEHL, 2008), ou nos termos de Nascimento (2021a), “outridades”, nessas zonas inhóspitas há sempre possibilidade de que umas/uns e não outras/os/es estejam ainda mais abandonadas/os/es – constituindo-se um Outro do Outro (“outridades”) (NASCIMENTO, 2021a).

Tal produção de outreridades se dá em diferentes âmbitos da vida e é reiterada por diferentes instituições, como a família, a igreja e a escola. Depois da família, é na escola que a naturalização das diferenças de gênero e sexualidade, e sua conseqüente inserção num sistema de hierarquização, ganham ainda mais reforço. Na trama em tela, a normativa professora Hedge e o omissor diretor Masood são a face emblemática desse CISTema que atua em conformidade com o dispositivo binário de gênero (LANZ, 2017). Sustentado numa noção de coerência, do estudante Jamie é exigido uma escolha profissional “realista”, um “comportamento igual” ao dos outros (entenda-se, meninos), uma postura que seja coerente ao seu gênero, um modo de se vestir e se portar que seja “adequado”, escolhas de vida que sejam “realísticas” – vale ressaltar que as “escolhas” a que Hedge se refere não são democráticas, mas extremamente restritivas e normativas. Ou seja, são escolhas predeterminadas e que obedecem a um critério de aprovação social (do que é interpretado socialmente como válido, útil e valoroso) à revelia do sujeito que deseja.

Jamie, assim como outras outreridades da trama (como a paquistanesa Pritti), não é bem-vindo na escola – esta prefere optar pelo silenciamento e normatização das diferenças, negando, portanto, esse potencial educativo (CANDAU, 2008). Ao se tornar também Mimi Me, Jamie fragmenta sua identidade, questionando o modo como a escola opera com a lógica de uma identidade única, homogênea, cisheterocentrada³, não dando margem para as diferenças em seu interior. Jamie, um jovem gay, Mimi Me, uma *Drag Queen*, a escola não permite a existência nem de um nem da outra,

pois suas existências rompem com a heteronorma drasticamente. Tanto Jamie como Mimi Me performam feminilidades impensáveis no espaço educacional, mesmo para um jovem estudante assumidamente gay.

A filósofa norte-americana Judith Butler (2003) e a transfeminista brasileira Viviane Vergueiro (2015) apontam a existência de uma linearidade sequencial e compulsória entre “sexo”, “gênero”, “desejo” e “práticas sexuais”. De acordo com tal inteligibilidade compulsória, o rompimento com a cisheteronormatividade acarretaria a exclusão e abjeção daquelas e daqueles cujas existências se afastam dos modelos dicotômicos, unificados, fixos e considerados como coerentes (OLIVEIRA; MARTINS; NASCIMENTO, 2019; GARCIA, 2022). Contudo, a performance de Jamie/Mimi Me rompe com a masculinidade hegemônica, o “gênero” nesse sentido se torna problemático, incoerente. Jamie é um homem cis e gay, quando se torna Mimi Me permanece como um homem cis e gay, todavia, em ambos os casos a feminilidade ganha diferentes contornos, as performances de gênero ampliam a dissidência.

Pensamos a partir das fronteiras das línguas indomadas (ANZALDUA, 2009) e das identidades ininteligíveis e desbaratadas presentes no modo como Jamie e Mimi Me se constituem e performam mesmo quando posicionadas/os na cisgeneridade. Aqui o afeminamento e o “montar-se” constituem-se como próteses de gênero que questionam uma pretensa ordem natural das coisas. É nessa deriva de instabilidades que a unidade sequencial sexo-gênero é borrada (OLIVEIRA; MARTINS; NASCIMENTO, 2019). Ao borrar essa fronteira, Jamie/Mimi Me coloca para além daquilo que é normatizado pela escola, por isso torna-se uma figura monstruosa que não pode ser tolerada. Se por um lado o monstro é o que a norma produz como sua alteridade radical, enquanto degenerado, proibido, interdito, discrepante, ininteligível, por outro, sua existência, tal como a do protagonista da trama, evidencia as artimanhas dos regimes disciplinares, normativos, regulatórios que engendram e sustentam os mecanismos de exclusão (FOUCAULT, 2001).

Para Paul Preciado (2020b, *online*), “o monstro é aquele que vive em transição. Aquele cuja face, corpo e práticas ainda não podem ser considerados verdadeiros em um regime de conhecimento e poder determinados”. Nem Jamie, nem Mimi Me cabem na cisheteronormatividade (re)produzida nas práticas educativas da escola. Como gay cis ou como *Drag Queen*, ao performatizar a feminilidade, Jamie/Mimi Me compromete a inteligibilidade de seu gênero para parte das pessoas que o

cercam e para a escola (pelo menos a partir do discurso pedagógico oficial) e assume sua monstruosidade como potência Queer. Segundo Butler (2003) e Vergueiro (2015), existe uma matriz cultural para que um gênero se torne inteligível e nessa matriz a performance feminina não é “natural” e “aceitável” para um rapaz. Essa não inteligibilidade coloca Jamie em uma vulnerabilidade desconcertante ao mesmo tempo que desconcerta a própria parafernália normativa.

Não por acaso, a professora Hegde se constitui como essa vontade de verdade e de docilização que beira o desespero. A sensação de ameaça, de ser desautorizada, pelo simples modo de ser e existir de Jamie evidencia a artificialidade do projeto de generificação do dispositivo escolar (CAETANO *et al.*, 2022). Nessa briga de foices entre normatividade e dissidência, os sapatos, as maquiagens, as roupas “femininas” de Jamie são como uma “barricada” (MOMBAÇA, 2021). Diante de um CISTema tão normativo, a simples presença dissidente de Jamie no ambiente da escola torna-se uma ameaça a ser constantemente vigiada, contida e “expurgada”. Nesses momentos, acionam-se os variados dispositivos de contenção que vão desde os mais “afetivos” (travestidos de conselhos e/ou acolhimentos) até os mais violentos (como a expulsão, a exposição, a violência física e a interdição). Não por acaso, de acordo com a pesquisadora Carla Cristina Garcia, “por meio de um exercício nada sutil, as pessoas que não se encaixam na definição de normalidade são enviadas à categoria de anormais. É importante ressaltar que, entre os “anormais”, estão incluídos cada vez mais um conjunto importante de sujeitos que escapam à definição [arbitrária] de normalidade”. (GARCIA, 2022, p.12-13).

É exatamente com voz conselheira que Hegde insiste que Jamie participe “como Jamie” do baile e não “como Mimi Me”, pontuando inclusive a ideia de “bem coletivo” (manifesto numa ideia de um “todos” genérico, eminentemente masculino e nada inclusivo). Nesse sentido, constata-se o modo como o discurso pedagógico escolar, encarnado na professora, busca formas meticulosas de conter a feminilidade excessiva de Jamie, em seu devir *Drag Queen*, e assim “tolerar” Jamie na escola. Nessa lógica, a diferença parece rimar com desigualdade (OLIVEIRA; DUQUE, 2021).

Sobre os discursos de tolerância e diversidade, as educadoras Shara Jane Adad, Letícia Carolina Nascimento e Lucivando Martins (2020), asseveram que precisamos mantê-los sempre sob desconfiança, uma vez que proclamam uma falsa inclusão. As pesquisadoras destacam que frequentemente esses discursos não colocam as relações de poder e hierarquias sociais em debate, questio-

namento e desconstrução dos regimes de saber-poder, contribuindo, portanto, para a reprodução de violências por meio do mero apaziguamento e silenciamento (vide a postura do diretor Masood).

De acordo com a lógica valorativa-normativa da escola, ser chamado de “coisa nojenta” (*freak*) “não é algo tão grave assim” (tal como a professora Hegde compreende o xingamento homofóbico de Dean contra Jamie). Ao contrário, o que é “grave” é a existência de um corpo que questiona os “ditames” de uma pretensa natureza (tal como expressa a identidade de gênero de Jamie). Dean, justamente com Hedge, são “símbolos” emblemáticos das violências de gênero institucional e estrutural contra minorias sexuais e de gênero. Na tolerância, as outreridades são admitidas desde que se adaptem às normas, não façam bagunça, fazendo com que a norma siga inquestionada. Por isso o comportamento de Dean não é problematizado, o que incomoda não é a violência que a norma impõe, mas, antes, a resistência que as outreridades produzem ao se afirmarem na escola. Nesse sentido, o corpo e a subjetividade Queer de Jamie parecem (d)enunciar que ser tolerado já não é suficiente. É preciso ir além.

É preciso ter a garantia de que “a dor e a delícia de ser o que se é”⁴ sejam reconhecidas em sua diferença. Assim, em nosso ponto de vista, a contestação que a diferença de Jamie oportuniza e que se ergue como antídoto às normatividades estabelecidas é que nem mesmo a noção de respeito faz-se suficiente. É preciso permanecermos vigilantes diante das lógicas de inclusão sustentadas em pressupostos moralizantes, higienistas e normativos. De acordo com tal lógica, respeita-se o “igual”, respeita-se o que está em consonância com a “norma”, respeita-se o estabelecido a partir de uma lógica transcendente, judaico-cristã, branca-patriarcal, de privilégio. Afinal, “é que Narciso acha feio o que não é espelho”.⁵ Nesses termos, quantas vezes a expressão “dar-se respeito” não foi utilizada para marcar justamente a diferença de quem “não se dá o respeito”? Quem tem o privilégio de “dar-se respeito”? A quem é cobrado “ter” e “dar” respeito? Quem tem o direito de impor “respeito”? Quem define o que é ter ou não ter “respeito”? Portanto, a existência (e resistência) de Jamie nos diz que, ao contrário das lógicas e políticas de respeito, “nossa maior urgência não é defender o que somos (homens ou mulheres), mas rejeitá-lo, é desidentificar-nos da coação política que nos força a desejar a norma e a repeti-la” (PRECIADO, 2020c, p. 316).

Mas até que ponto as técnicas disciplinares docilizam os corpos e identidades dissidentes? Para nós, Jamie é o símbolo de que tal sistema é menos ordenado e coerente do que deseja expressar. Seu corpo, suas performances, seu jeito de ser, desafiam a norma hegemônica ao construir para si uma positividade monstruosa (PRECIADO, 2020b; NASCIMENTO, 2021b). Ser monstro, é mostrar (LEITE JR, 2011) os limites dos regimes de verdade e as arbitrariedades da “parafernália discursiva biopolítica” (BENTO, 2011, p. 15).

Refletindo sobre as normatividades no contexto escolar, em artigo recente, os pesquisadores Steferson Roseiro, Alessandro Rodrigues e Marcio Caetano (2021) (d)enunciam a falência daquilo que chamam de “pedagogias dos mortos”. De acordo com os autores, trata-se de reconhecer o estado agonizante em que se encontram as práticas pedagógicas e seus sistemas epistemológicos (e filosóficos) tradicionais. Sustentadas no autoritarismo da “tradição”, ancoradas na produção de corpos dóceis e obedientes, na generificação do mundo, no empobrecimento das narrativas e do ficcionalizar, as pedagogias mortificadas (e mortificantes) transformam-se “na mortificação das perguntas, das falas, das reações, dos interesses e da aprendizagem que resulta de tudo isso” (ROSEIRO; RODRIGUES; CAETANO, 2021, p. 41).

Na repetição do mesmo, na busca de que a diferença rime com desigualdade, no controle dos corpos, dos afetos e dos desejos, esses regimes de verdade políticos e biopolíticos buscam impor o regime da ordem, da violência, da autoridade, da assepsia. Parafraseando os autores que falam de uma pedagogia travesti (ROSEIRO; RODRIGUES; CAETANO, 2021), talvez pudéssemos afirmar que Jamie incorpora uma pedagogia *Drag Queen*. Assim, como a educação Monstra-Florescer, uma pedagogia *Drag Queen* pode possibilitar “pensar numa educação esdrúxula, pedagogia das monstras, produzir subjetividades que resistam às cafetinagens dos regimes de verdade, que insistem em limitar as experiências em caixas pré-moldadas” (NASCIMENTO, 2021b, p. 302).

Uma pedagogia *Drag Queen* que possa questionar os regimes de verdade, descentralizando a cisheteronormatividade. Jamie, montado ou se montando, em seu devir Mimi Me, no espaço da escola ou da boate, dá vida a uma pedagogia da montaria, confeccionada com afetos, desejos, sonhos e amizades. Ali o corpo não tem um destino biológico, a identidade não é uma essência,

masculinidade e feminilidade são percursos, nunca destinos, a educação se faz nas asas das derivas e devires do desejo, do deboche, dos projetos *Queer* “não realísticos” e “fracassados” (HALBERSTAM, 2020).

Algumas inconclusões

Embora *Todos estão falando sobre o Jamie* seja uma obra de caráter ficcional, se constitui como um potente objeto de reflexão crítica pela riqueza de questões que aborda e pelas várias possibilidades analíticas que desperta sobre o tempo presente. Acreditamos que os dilemas vivenciados pelo protagonista da trama, Jamie, bem como os papéis desempenhados pelas/os demais personagens, são ilustrativos de alguns dos dilemas vivenciados cotidianamente por pessoas LGBTQIA+ em sua experiência social e escolar e dos processos biopolíticos e necropolíticos em curso na contemporaneidade. Nesse sentido, ficção e realidade se confundem e, ao se cruzarem e justaporem, não são “mera coincidência”. Assim, acreditamos que Jamie e sua história, enquanto índice, são metáforas poderosas para pensarmos o presente e as lógicas normativas em curso no mundo atual – seja a nível global ou a nível local. É preciso dizer que o crescimento da extrema direita em diversos países do globo, inclusive no Brasil, que insidiosamente questiona, contesta, ameaça direitos de minorias sexuais e raciais e se volta com ódio extremado contra seus corpos e modos de vida, se ergue como presença simbólica na professora Hedge (cisheteronormatividade), agonizante e ameaçada.

Nesses termos, se o Estado e suas instituições são detentores e usuários legítimos da violência (BUTLER, 2015), ao final da trama, na cena do baile, poderíamos apressada e equivocadamente concluir que a normatividade teve a última palavra e que a dissidência foi por ela capturada. Afinal, Jamie chega ao baile, é recebido com animosidade pela professora Hegde, mas, apesar dos pesares, lhe é “garantida”, “permitida”, “autorizada”, sua noite de “gala” pela sua algoz. Na trama, o baile como dispositivo de produção e reprodução de gênero, tal qual o baile de debutantes “das meninas” no Ocidente pequeno-burguês, não chega a ser problematizado pelos roteiristas da trama. Nesse sentido, o desfecho parece soar conservador à medida que não se tensiona o significado cisheteronormativo do baile: por exemplo, como desconsiderar que em nossa tradição pequeno-burguesa a festa de debutante se constitui como um dos emblemas da heterossexualidade compulsória?

No entanto, permanecer num discurso de captura, domesticação ou adestramento, personificados na normatividade do baile significaria diminuir ou invisibilizar a desestabilização operada no CISTema pela presença de um “corpo estranho” (LOURO, 2008). É preciso dizer que o corpo de Jamie nunca foi um corpo “bem-vindo” no espaço da escola. Antes um corpo recusado, indesejado.

Justamente na estranheza e a partir dela é que a resistência se impõe (HALBERSTAM, 2020). Trata-se de um corpo que teima em se apresentar “como realmente sou”, um corpo que teima em se impor não por meio de um “mundo real” cisheteronormativo, mas de um conto de “fadas” *Queer*. Aqui o conto de fadas se afasta das narrativas hollywoodianas e se coloca numa dinâmica de um mundo às avessas (ROSEIRO; RODRIGUES; CAETANO, 2021). Nessa inversão subversiva, o “era uma vez” é destituído de sua vontade de verdade por um “era uma vez nenhuma” (ROSEIRO; RODRIGUES; CAETANO, 2021). Com seu corpo vestido como deseja e se percebe, Jamie indica que as pedagogias mortificadoras e normativizantes não têm a última palavra sobre si.

Portanto, em nosso ponto de vista, focar o caráter disciplinador da escola e de seus aparatos pedagógicos sem perceber os movimentos micropolíticos em seu interior, e que ensejam mudanças, disputas, negociações e ressignificações, implicaria reificar a unilateralidade dos dispositivos de saber-poder e a impossibilidade de produção de contra-hegemonias. Ao trazer para o centro de nossa análise a potência da categoria monstruosidade, sustentando-nos no protagonismo do personagem Jamie, quisemos seguir o caminho oposto. Ou seja, não ignoramos nem a eficácia dos dispositivos normativos nem seus efeitos nefastos sobre nossos corpos e subjetividades, mas apontamos para a possibilidade de seu questionamento e subversão a partir daquilo que escapa, transborda, excede. Ao entrar apoteoticamente na cena do baile, chamando a atenção de todas/os e parando a festa, Jamie, pensado ao longo de toda a trama como corpo-indigesto, disputa os significados e, não apenas isso, faz valer seu direito de ser e de existir *Drag Queen* e *Queer*.

Assim, Jamie, ao defender e acreditar em um projeto de vida *Drag* na contramão de uma orientação vocacional “realista” (cena I), ao subverter um “corpo educado” (NASCIMENTO, 2021b) na performance de um corpo maquiado e queerizado (cena II e III), ao se apresentar no baile de formatura com roupa “de menina” (cena IV), coloca em xeque o alcance dos regimes de verdade cisheteronormativos. Sua “monstruosidade” inadequada, *queer*, desajustada, dissidente, “suja”, *freak*, é a

potência de uma estética da existência que se ergue e se impõe aos projetos de silenciamento, violência e morte (e que têm hegemonicamente ocupado lugar no espaço da escola, da família, das igrejas etc). Com Hedge, Dean e Masood (este aparentemente mais humano, no entanto conivente com o CISTema), temos o retrato de um CISTema em agonia. Com Jamie, Margaret, Ray e Pritti, temos a política de uma multidão *queer* e a construção de um outro mundo possível – de que nos fala Preciado (2011, 2020d).

Por fim, é preciso dizer que no momento em que finalizamos este texto nos encontramos a dois dias para o segundo turno das eleições de 2022. Não poderíamos deixar de manifestar nossos afetos de sermos, em alguma medida, Jamies e Mimi Mes em *terra brasilis*. Trata-se de um momento delicado, em que *fake-news*, discursos de ódio, violências políticas e até assassinatos políticos usurparam o lugar do debate de ideias e propostas plurais, diversas, inclusivas, democráticas. O ódio gratuito, o ressentimento, a violência física, verbal e simbólica, a truculência de candidatos/as e partidários, emergem como emblemas da necropolítica contemporânea. Já não se tem vergonha ou constrangimento em esbravejar e externalizar discursos de ódio, discursos racistas, discursos sexistas, discursos homofóbicos, transfóbicos, lesbofóbicos, capacistas, etaristas, dentre outros.

Já não se trata apenas de um índice em sua dimensão simbólica e/ou discursiva. Trata-se de uma lógica que, sustentada na violência e no autoritarismo, tenta impor-se a todo custo e ao custo dos princípios democráticos. Trata-se de um projeto de morte, de um projeto de sociedade para alguns poucos em detrimento de muitos (e até de sua eliminação), em que a defesa das “armas”, da família “tradicional”, da propriedade privada e de deus (exclusivamente o cristão), são reiteradamente enunciados como princípios basilares. É neste contexto e partir dele que, da mesma forma de Jamie, um professor viado e uma professora travesti lutam pelo direito à escrita e fazem dela sua trincheira. Afinal, por que tanta preocupação do “movimento” escola sem partido e de alguns setores da sociedade brasileira com a propalada “ideologia de gênero”? Qual a razão para que a luta por uma linguagem inclusiva de gênero soe tão ameaçadora? (CAETANO *et al.*, 2022). Porque quando ocupamos a escola, o “baile”, a rua, (re)afirmamos que “os cálculos da [necro]política falham em atualizar suas totalizações” (MOMBAÇA, 2021, p. 14).

REFERÊNCIAS

ADAD, Shara Jane Holanda Costa; NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do; MARTINS, Lucivando Ribeiro. Aprendizagem na educação e as diferenças – resistência ao heteroterrorismo cultural: que só os beijos te tapem a boca. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 8, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5928>. Acesso em: 13 fev. 2022.

ANZALDUA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa**, Niterói, n. 39, p. 297-309, 2009. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12544587/como-domar-uma-lingua-selvagem-gloria-anzaldua-uff>. Acesso em: 13 fev. 2022.

BALESTRIN, Patrícia Abel. Gênero e sexualidade no cinema: questões para a educação. In: XAVIER FILHA, Constantina (org.). **Educação para a sexualidade, equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande: UFMS, 2009.

BENTO, Berenice. Apresentação. In: LEITE JR, Jorge. **Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2011. p. 15-23.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BIEHL, João. Antropologia do devir: psicofármacos – abandono social – desejo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 413-449, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27285>. Acesso em: 13 fev. 2022.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 329-376, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644745>. Acesso em: 19 jan. 2023.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAETANO, Marcio *et al.* “A ferro e fogo”: questionamentos à linguagem e aos corpos educados. In: MORAES, Lorena Lima de; CAVALCANTI, Larissa de Pinho (org.). **Deslocamentos e Permanências: trabalho, educação e interseccionalidades**. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 223-241.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 13-37.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 271-310.

CORNEJO, Giancarlo. Por uma pedagogia Queer da amizade. **Áskesis**, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 130-142, 2015. Disponível em: <http://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/47>. Acesso em: 28 out. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GARCIA, Carla Cristina. Prefácio. In: PASSOS, Maria Clara Araújo dos. **Pedagogia das travestilidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. p. 11-20.

HALBERSTAM, Jack. **A arte Queer do fracasso**. Recife: Cepe, 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a conformidade e a transgressão das normas de gênero – uma introdução aos estudos transgêneros. 2. ed. Curitiba: Movimento Transgente, 2017.

LEITE JR., Jorge. **Nossos corpos também mudam**: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2011.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 235-236.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021a.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. Mostra-Florescer: feminilizando práticas educativas. In: ADAD, Shara Jane Holanda; LIMA, Joana D’Arc de Sousa; BRITO, Antônia Edna (org.). **Práticas educativas: múltiplas experiências em educação**. Fortaleza: EdUECE, 2021b. p. 286-306.

OLIVEIRA, Esmael Alves de; DUQUE, Tiago. Algumas reflexões indisciplinadas sobre “Diversidade”, Diferença e “Inclusão”. In: ALMEIDA, Denise Mesquita de Melo; ZANON, Regina Basso; FEITOSA, Lígia Cavalcante; ANACHE, Alexandra Ayache (org.). **Psicologia, Educação e Trabalho**: inclusão em diferentes contextos. Curitiba: CRV, 2021. v. 1. p. 109-118.

OLIVEIRA, Esmael Alves de; MARTINS, Catia Paranhos; NASCIMENTO, Letícia Carolina do. “Laerte-se” e Tomboy: convites às experimentações de si. **Revista Ambivalências**, v. 7, n. 13, p. 109-126, 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/view/11289>. Acesso em: 13 fev. 2022.

PRECIADO, Paul B. Quem defende a criança queer? *In*: PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020a. p. 69-73.

PRECIADO, Paul. Eu sou o monstro que vos fala. Tradução Sara York. **Revista Palavra Solta**, 2020b. Disponível em: <https://www.revistaapalavrasolta.com/post/eu-sou-o-monstro-que-vos-fala>. Acesso em: 13 fev. 2022.

PRECIADO, Paul B. Carta de um homem trans ao antigo regime sexual. *In*: PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020c. p. 312-317.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020d.

PRECIADO, Paul. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/yvLQcj4mxkL9kr9RMhxHdwk/>. Acesso em: 13 fev. 2022.

ROSEIRO, Steferson Zanoni; RODRIGUES, Alexsandro; CAETANO, Marcio. “Era uma vez nenhuma” ou os descabidos contos de fadas de uma professora sem modos e uma criança desbocada. **REBEH – Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, Cuiabá, v. 4, n. 13, p. 33-55, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/11327>. Acesso em: 13 fev. 2022.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Orientador: Djalma Thürler. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

XAVIER FILHA, Constantina. Luz, câmera, ação... Problematizando sexualidades, gênero e infâncias no cinema: desejo de “desver” o mundo. *In*: XAVIER FILHA, Constantina (org.). **Sexualidades, gênero e infâncias no cinema**. Campo Grande: UFMS, 2014. p. 9-14.

NOTAS

- 1 Pelo nosso compromisso ético-político com o (trans)feminismo, optamos por adotar a flexão de gênero no feminino ao longo de todo o texto.
- 2 Expressão usada para se referir ao processo de “saída do armário” de pessoas LGBTQIA+.
- 3 Embora nem Jamie, nem Mimi Me rompam com a cisgeneridade, considera-se pertinente sob o prisma transfeminista aliançar dentro da análise as categorias cisnormatividade e heteronormatividade, uma vez que a escola opera a partir dessa lógica conjunta. É sobre o rompimento sexo-gênero que a análise a partir da categoria cisgeneridade se debruça. De modo específico, não é este o caso em questão, mas de modo analítico situamos a cisheteronormatividade como regime de poder que pretende governar as relações entre sexo-gênero-desejo-práticas sexuais (VERGUEIRO, 2015; NASCIMENTO, 2021a).
- 4 Inspiramo-nos na letra da música “Dom de iludir”, de autoria de Caetano Veloso.
- 5 Tomamos de empréstimo o trecho da música “Sampa”, também de autoria de Caetano Veloso.